

Azulejos na Arquitetura Brasileira

Para bem compreender a razão e o sentido da aplicação dos azulejos em revestimentos parietais de edifícios modernos no Brasil é necessário lembrar que este hábito sempre foi muito freqüente nas velhas técnicas construtivas da Península Ibérica. Como herança da atividade artística dos extraordinários ceramistas árabes, floresceram na Espanha até muito além do século XVIII, dois importantes centros de produção desses ladrilhos esmaltados. Das oficinas de Sevilha e de Talavera de la Reyna, fundados sob a boa tradição mourisca e enriquecidas pela influência renascentista italiana, vieram para a cerâmica portuguesa, mais imprecisa e irregular, novos impulsos vitalizantes e poderosos. Os grandes painéis historiados de azulejos portugueses, hoje famosos, como os do Palácio Ducal de Vila Viçosa, os da Casa Senhorial dos Marqueses de Fronteira, os da Quinta da Bacalhoa e muitos outros, admiráveis de colorido e de fatura têm, sem contestação, acentuadas características das indústrias louceiras espanholas e italianas.

Poderemos distinguir, sumariamente, na história dos azulejos parietais portugueses três períodos fundamentais: ao primeiro pertencem os azulejos policrômicos, de relevo ou lisos, estes de acordo com o processo de fabricação de Nicoloso Milano, com desenhos em forma de padrão ou, em composição mais vasta, imitando tapetes; no segundo período predominam ladrilhos pintados em azul sobre fundo branco, sempre lisos e possuindo um caráter já bastante distanciado dos primitivos modelos mouriscos; são desta época os grandes painéis representando em larga escala as cenas de Gênese e das lendas dos santos, assim como os azulejos chamados de motivos isolados, isto é, apresentando uma só figura: flor, fruto, pássaro, etc.; no último período a indústria cerâmica atingiu, como tantas outras, a sua face industrial e os azulejos perderam as suas qualidades de trabalho manual, passando a ser desenhados e fabricados por processos mecânicos; são os azulejos ditos estampados ou estampilhados que tiveram grande voga no revestimento de fachadas, corredores de igrejas e edifícios civis; apesar de inferiores, do ponto de vista artístico, aos azulejos dos dois primeiros períodos, eles ainda constituem um excelente material e muitos oferecem desenhos firmes de bom traço e bom aspecto.

O emprego do azulejo como elemento decorativo ou simples guarnecimento de paredes em edifícios modernos é assim uma conseqüência imediata da sua tradicional presença da arquitetura portuguesa, da qual, desde a sua origem, nunca inteiramente pode se afastar a arte de construir no Brasil. Mesmo na época presente em que a arquitetura do concreto armado moldada e monolítica estabelece diferenciações profundas entre as tendências construtivas desses dois países, freqüentemente, por efeito de associações imperceptíveis, surgem aproximações irrecusáveis; o uso do azulejo é uma delas.

Transportados de Portugal, principalmente para formar “lambris” nos claustros dos conventos ou nos átrios e varandas de algumas casas nobres, os azulejos criaram nesses espaços arquitetônicos semi-abertos uma atmosfera especial de comunicabilidade e dependência com a natureza livre e tropical. Daí o clima de doce calma e de tranqüilidade quase idílica que reina no interior dos conventos franciscanos da Bahia, do Recife ou do Rio de Janeiro, todos eles possuidores de azulejos da autoria de bons oleiros portugueses.

Sucedendo a esses azulejos mais artísticos, mais primorosos de fatura, os ladrilhos estampilhados tiveram, depois, por largo espaço de tempo, a primazia entre os revestimentos de paredes, e ainda hoje sobressai um grande número de antigas fachadas.

No período que vai de 1840 a 1890, em quase todas as cidades do Brasil as fachadas das boas casas de habitação eram revestidas de azulejos estampilhados, importados de Portugal; no

Recife e na Bahia existem ainda hoje alguns tipos desses belos acabamentos de parede, sempre de bom acordo com outros atributos cerâmicos: pinhas, esferas, figuras etc... Aqui no Rio, apesar da rápida e desordenada destruição que ininterruptamente se vem fazendo do nosso patrimônio arquitetônico, muitos edifícios de velhas fachadas cobertas de azulejos poderão ser notados; além daqueles do Largo do Boticário, já de todos conhecidos e apreciados, devemos chamar a atenção para mais alguns; veja-se, por exemplo, o edifício da “Casa Sibéria” que conserva a sua fachada de 1875 e é um excelente documento da maneira de tratar as paredes exteriores naquela época, ou então o prédio da avenida Getúlio Vargas onde, atualmente, funciona os armazéns “O Dragão”, ainda com o seu beiral de grandes telhas azulejadas e as suas janelas de almofadas.

Foi resultante dessa intimidade com os ladrilhos vidrados, existentes nas velhas igrejas do seu país, a iniciativa tomada pelos modernos arquitetos brasileiros de reviverem o velho processo decorativo, conjuntamente com a pintura mural, os mosaicos, os mármore e os granitos; é verdade que antes deles já algumas primeiras e fracas tentativas se esboçaram, sobretudo aquelas que estão associadas ao fracasso do movimento por um estilo “neocolonial”.

Cabe, portanto, indiscutivelmente ao grupo de arquitetos modernos filiados ao CIAM, grupo que vem readaptando a arquitetura às boas e eternas normas construtivas, a atual aplicação do azulejo em grandes extensões de parede.

No edifício do Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro foram colocados os primeiros azulejos que marcam essa revivescência de uma arte até bem pouco quase abandonada; todas as paredes externas do andar térreo desse grande edifício estão revestidas de cerâmica; destacam-se, entretanto, do lado sul dois grandes painéis com as dimensões de 18m x 10m. São compostos de azulejos de 15cm x 15cm e têm por motivo na composição geral do seu desenho, de fundo nitidamente expressionista, o Começo da Vida: da Vida surgindo à luz do dia em pleno mar. Em diversos tons de azul, desde matizes quase esmaecidos, até a nota dominante de um azul absoluto, superfícies definem as linhas batimétricas da profundidade das águas e sobre elas traçado em risco largo e forte o contorno do protoplasma primitivo. Há, indicando um fenômeno de claridade e de transparência, um campo geral constituído de seres marinhos elementares: conchas e estrelas do mar, formando padrão quase sempre de 16 azulejos.

Em outras paredes são usados azulejos de figura isolada com elementos da rica fauna marítima: conchas, cavalos-marinhos, búzios, caranguejos, pólipos e corais, formas plásticas de excelente efeito; estes ladrilhos de figura avulsa recobrem as superfícies exteriores das paredes do anfiteatro e das escadas que dão acesso ao salão de exposições.

Todos esses ladrilhos esmaltados foram executados segundo cartões desenhados pelo pintor Cândido Portinari; embora não possuam uma pasta excelente, são muito bem pintados e têm bom esmalte. O fabrico obedece ao processo clássico: pintura sobre o “biscoito” em tinta azul, esmaltagem a chumbo ou estanho com exposição ao grande fogo.

Algum tempo depois da execução a aplicação dos azulejos do Ministério da Educação e Saúde o arquiteto Oscar Niemeyer Filho especificou novamente, para diversas paredes no edifício do Iate Clube da Pampulha, em Belo Horizonte, o revestimento de azulejos; ali, entretanto, não foram usados painéis com desenhos originais, mas tão somente a reprodução de ladrilhos estampilhados já existentes; foi escolhido o padrão da Igreja de N. Sra. do Carmo da Lapa, de traço vivo e movimentado.

Quase da mesma época são os azulejos que ornaram a capela de São Francisco, também na Pampulha; cobrem uma superfície superior a 80 m² e ocupam toda a fachada posterior da pequena igreja; os temas do seu desenho são passagens da vida do grande santo de Assis; os cartões, também do pintor Cândido Portinari, revelam uma composição das mais felizes, de

acordo com a diferença de altura dos arcos circulares e parabólico do templo. O episódio da submissão do lobo da cidade de Agóbio é o principal motivo representado, e o animal aparece aos pés do santo na base do painel, como se pousasse no próprio gramado do jardim que envolve a igreja. Além desta, duas outras cenas da vida do *Poverello* estão registradas com grande vigor de traço e de um azul rico e lustroso.

Em todo o espaço que contorna as figuras vêem-se peixes e aves, desenhados com a mesma maneira particular de tratar as escamas e as penas, com matéria provinda da mesma substância ou essência original.

A cópia dos azulejos estampilhados, para o Iate Clube, como os painéis do Ministério da Educação, da igreja de S. Francisco da Pampulha foram executados no atelier "Osirarte" dirigido pelo pintor italiano Paulo Rossi que, além dessas realizações, ainda é responsável pelo fabrico de inúmeros pequenos quadros de azulejos representando cenas regionais brasileiras, pintados em azul, verde, roxo e amarelo; diversas são as casas de habitação de São Paulo e do Rio de Janeiro, ornadas com esses pequenos painéis.

Uma vez que estas referências fazem ressaltar a recente composição e fabricação de azulejos brasileiros convém assinalar que nos intervalos dessas grandes realizações dos arquitetos modernos apareceram também outras aplicações menores em edifício de pouca importância arquitetônica, mas projetadas e desenhadas por pintores de merecida fama, como o painel da autoria de Arpad Szenes, o de Maria Helena Vieira da Silva, e o de Eros Gonçalves.